

MAPEAMENTO GEOLÓGICO EM ESCALA 1: 10:000 DA REGIÃO DA SERRA DAS CAMBOTAS – MINAS GERAIS

Freitas, R.D.A.¹; Sales, H.C.¹; Lasmar, F.P.¹; Martins, M. S.¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO: A Serra das Cambotas localiza-se entre os municípios de Caeté e Barão de Cocais na parte central de Minas Gerais, à 97km de Belo Horizonte. A serra está localizada numa região onde os domínios geológicos do Quadrilátero Ferrífero e do Supergrupo Espinhaço formam uma interface. O quartzito Cambotas é mapeado como a base do Grupo Tamanduá, porém, o posicionamento estratigráfico deste grupo ainda não está totalmente definido. Simmons e Maxwell (1961) localiza este no topo do Supergrupo Rio das Velhas, porém, Alkmim & Noce (2006), assim como Dorr (1969), posicionam o grupo na base do Supergrupo Minas. Contudo, para Ladeira (1980) o quartzito Cambotas faz parte do Supergrupo Espinhaço. A estratigrafia local, definida neste mapeamento, é representada pelo embasamento e a Formação Sapão, com espessura variável e condicionada pela tectônica de blocos. Localmente, tal formação é subdivida em quatro membros, da base para o topo denominados: B, C, D, E e F, estes membros apresentam contato estratigráfico normal e os mais novos estão localizados na parte sudeste da serra. Estruturalmente, a área é dominada por uma estrutura principal N-S que mergulha preferencialmente para E, e a grande deformação interna é através de dobras. A evolução tectônica da Serra de Cambotas começou com um movimento de distensão crustal, que culminou a implantação de uma bacia intracratônica. De acordo com Dossin (1990), o estágio *rifte*, foi responsável por falhamentos normais profundos, gerando feições do tipo *horst* e *gráben*. A sedimentação da bacia foi condicionada por estas estruturas e a abertura e preenchimento desta se deu de norte para sul, evidenciado na coluna estratigráfica, onde as unidades mais velhas se encontram a norte. A compensação isostática atuante na área condicionou a sedimentação a ter maior espessura no norte do que na porção sul, por isso, existe um adelgaçamento do Membro B, no sul da serra se comparado ao centro norte. No Brasiliano, houve o fechamento da bacia (Dossin, 1990), esse evento foi o responsável pela geração da falha de descolamento basal na parte oeste da Serra, que marca o contato do embasamento com as unidades adjacentes. A fase compressiva da tectônica brasileira é caracterizada pela frequência de dobras intrafoliais de origem milonítica (Dossin, 1990). Durante esse evento também ocorreu à ascensão de intrusões máficas com foliações concordantes, o que comprova o seu caráter sintectônico. De acordo com Dossin (1990), após a compressão principal, ocorreu a segunda foliação, responsável pela estruturação em anticlinais e sinclinais com eixos orientados N-S. Com a evolução do pensamento geológico, associado ao mapeamento de detalhe então realizado, pode-se interpretar a evolução tectônica da área não ligada aos falhamentos, antes determinados por Crocco-Rodrigues (1991), mas sim por um regime dominados por dobramentos ligados a uma falha de descolamento basal. Tais dobramentos foram evidenciados por dados de campo e fotointerpretação. Foi observado um contato estratigráfico normal das unidades, mostrando que Crocco-Rodrigues (1991) teve um equívoco quando caracterizou a região como um domínio de falhas de empurrão. Tratando-se da estratigrafia, as unidades mostram-se relacionadas ao Grupo Conselheiro Mata do Supergrupo Espinhaço.